

Só o Conselho pode acalmar Ceilândia

Depois do sábado tumultuado, movimentos Cultural e Comunitário preparam argumentos para Conselho de Cultura

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Os ânimos, em Ceilândia, cidade-satélite que viu seu *Seminário de Cultura* suspenso no final da manhã do último sábado devido a incontornáveis desentendimentos entre o *Movimento Comunitário* e o *Movimento Cultural*, ainda não serenaram.

O *Movimento Cultural* (liderado por Chico Morbeck), consumiu a tarde de sábado e todo o dia de domingo desenvolvendo as atividades anteriormente programadas pelo *Seminário de Cultura de Ceilândia*, organizada pela Administração Regional e pelo Movimento Cultural e Comunitário. O saldo das discussões se materializou em documento reivindicativo que será encaminhado ao Conselho de Cultura do DF, Administração Regional, Secretaria de Cultura e Esportes e Movimento Cultural Brasília.

Já o *Movimento Comunitário*, liderado por Carlos Humberto Farias, o *Esquerdinha* ainda não absorveu os episódios do último fim-de-semana.

"Estamos preocupados", garantiu Humberto, no início da tarde de ontem, com a solução apresentada pelo secretário Márcio Cotrim — passar ao Conselho de Cultura do DF a tarefa de definir os critérios de formação do colégio eleitoral que indicará, em Ceilândia, o representante da cidade junto à Secretaria de Cultura e Esporte. Afinal, argumenta, "nós não conhecemos bem este Conselho e ficamos reticentes, pois Chico Morbeck faz parte dele. Como Morbeck não tem ajudado a chegar a uma posição de consenso, nós, as lideranças comunitárias, estamos desconfiados".

Depois de saber que o Conselho de Cultura do DF é um organismo criado por Lei do Senado Federal, em setembro de 1990, e composto com representação paritária do Governo e da Comunidade, Carlos Humberto resolveu ponderar: "Está bom. Vamos procurar o Conselho, expor nosso entendimento de tudo que está acontecendo em Ceilândia, e explicar que os artistas fazem um trabalho elitista, que não alcança toda a comunidade. Daí a importância do movimento comunitário eleger o representante da cidade junto à SCE".

Depois de certificar-se do caráter das reuniões do Conselho de Cultura — abertas aos interessados — e de sua sala de reuniões — no anexo do Teatro Nacional — Carlos Humberto avisou que "o Movimento Comunitário vai marcar audiência com os conselheiros, para evitar que tomem o partido do *Movimento Cultural*, que é apenas parte da comunidade de Ceilândia".

Documento — Chico Morbeck assegura que "o Movimento Cultural de Ceilândia reconhece a legitimidade do Conselho de Cultura do DF em atuar como organismo responsável pela definição dos critérios que regerão a eleição do representante da cidade junto à Secretaria de Cultura do DF". E vai mais além: "Em longo documento que preparamos, após as palestras e debates que se sucederam aos tumultos da manhã de



Carlos Humberto Farias e Márcio Cotrim, entre lideranças comunitárias, sábado, na reunião na Ceilândia

sábado, deixamos claro o nosso intuito de trabalhar ao lado do Movimento Comunitário como já fazemos em vários locais da cidade (Expansão do Setor P, P Norte, P Sul, Guariroba)".

"Só", acrescenta Morbeck, "fazemos questão de deixar claro nosso repúdio ao administrador regional e a seus liderados, que concebem a democracia como a imposição de seus pontos-de-vista, alimentando o autoritarismo na educação política da comunidade e revelando seu descompromisso e desconhecimento da realidade cultural da cidade. Por isto, fizemos questão de deixar este protesto registrado em nosso documento".

No final da manhã de sábado, quan-

do os desentendimentos se avolumaram no auditório do CET (Centro de Educação para o Trabalho), na Guariroba, palco do *Seminário de Cultura de Ceilândia*, os representantes do *Movimento Comunitário* se retiraram tomando o evento como terminado. Carlos Humberto foi participar de reunião com o assessor comunitário da SCE, Antônio Clementin. "Passamos umas duas horas discutindo, mas nos nos convencemos inteiramente de que delegar a decisão ao Conselho de Cultura do DF seja o correto. Afinal, Zequinha (José Rodrigues Costa Filho, da Colônia Nordestina); José Eudes Ferreira, do Bloco Gavião Dourado e eu nos somamos na compreensão de que as

decisões que dizem respeito à Ceilândia, devem ser tomadas em Ceilândia".

Dispostos, no entanto, a dar um voto de confiança ao Conselho em busca de uma solução de entendimento, Carlos Humberto promete, de agora em diante, juntar argumentos para a audiência que o *Movimento Comunitário* solicitará aos integrantes do órgão colegiado.

Enquanto isto, o *Movimento Cultural de Ceilândia* amplia sua luta, buscando caixas de ressonância junto a organismos do Estado e da sociedade. "Nós vamos", avisa Morbeck, "lutar pela criação do Conselho de Cultura de Ceilândia e defender que os recursos destinados ao pagamento do representante junto à

SCE sejam encaminhados a este Conselho, para que ele possa se infraestruturar e defender ações culturais em Ceilândia, regidas por princípios democráticos, e não pelo fisiologismo".

Quanto ao *Seminário de Cultura de Ceilândia*, Morbeck avisa: "nós o realizamos, integralmente, pois os palestrantes (Néio Lúcio, Carlos Augusto Silva e eu próprio) desempenhamos nossas funções, debatendo temas como a *Produção e Circulação de Bens Culturais*, *Financiamento de Projetos Culturais*, *Regionalização dos Meios de Comunicação*, *Lei de Incentivos Fiscais à Arte e Cultura* e o documento *Bases para a Edificação de Uma Política de Cultura no DF*, que elaborei e encaminhei ao Conselho de Cultura do DF e ao Movimento Cultural Brasília". Se, porém, houver entendimento de que se deve promover outra edição do *Seminário*, nós vamos endossá-la e participar ativamente. Para nós, quanto mais reflexão, melhor".

Os 57 artistas, ativistas e produtores culturais que permaneceram no auditório do CET (Centro de Educação para o Trabalho) após os desentendimentos da manhã de sábado, propõem que a eleição do representante da cidade junto à Secretaria de Cultura e dos 12 integrantes do Conselho de Cultura de Ceilândia aconteça em abril. Amanhã, às 17h00, a diretora-executiva da Fundação Cultural, Maria Luíza Dornas, visitará a cidade, a convite do Fórum de Cultura de Ceilândia, para proferir palestra sobre o *Projeto Arte Candanga*, que ela e sua assessoria estão preparando para atender às cidades satélites.

Uma eleição apressada

A discórdia entre o *Movimento Cultural* e o *Movimento Comunitário*, em Ceilândia, se instalou quando no início de fevereiro houve a primeira reunião, promovida por Márcio Cotrim, entre lideranças artísticas e prefeitos de quadras. Estes chegaram à reunião com um nome "eleito" para o cargo de representante da cidade junto à da Secretaria de Cultura e Esporte: o de José Rodrigues Costa Filho, o Zequinha. (foto).

O *Movimento Cultural* protestou e decidiu-se, então, pela formação de Comissão Paritária (Cultura/Comunidade), que cuidaria da organização do processo de reflexão (*Seminário*) e



eleição (do representante e de, caso a proposta seja aprovada, um Conselho de Cultura local).

José Rodrigues, que participou de tumultuada manhã do *Seminário de Cultura de Ceilândia*, tem 32 anos, é

maranhense e está no DF desde 1964. Ele atua junto à Colônia Nordestina, entidade que congrega migrantes radicados em Ceilândia. É, também, membro do *Grupo Recreativo Bloco Carnavalesco Gavião Dourado*, que promove atividades variadas, inclusive concursos de misses.

"Não houve má fé na indicação de meu nome", assegura Zequinha, "pois a Secretaria de Cultura e Esportes não nos prestou os esclarecimentos necessários. A falta de esclarecimentos nos fez pensar que devíamos levar um nome já indicado para ocupar a vaga. As lideranças comunitárias escolheram o meu".